

A narrativa do jornalismo científico na TV brasileira: as estratégias dos programas *Como Será?* (Rede Globo) e *Scientia* (UFPR TV)¹

Maria de Lurdes Welter PEREIRA²
Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

O presente artigo tem como finalidade analisar as estratégias textuais adotadas na veiculação de assuntos de jornalismo científico na televisão, bem como esse tipo de conteúdo é apresentado esteticamente ao público. A análise se dá pela avaliação empírica de duas reportagens envolvendo pesquisas científicas, veiculadas em fevereiro de 2015, uma no programa *Como Será?* da Rede Globo e outra exibida no programa *Scientia*, emissora de canal a cabo da Universidade Federal do Paraná. Procura-se também avaliar os formatos das duas produções e como os temas voltados para a ciência são trabalhados.

Palavras-chave: divulgação científica; jornalismo científico; telejornalismo; televisão

1. INTRODUÇÃO

Notícia é a técnica de relatar um fato, descrever fatos que emocionam e que despertam o interesse social e a linguagem é o elemento que diferencia a notícia nos diversos meios de comunicação. Cada veículo comunicacional apresenta uma codificação diferente, uma fórmula de trabalhar a notícia, de acordo com Silveira (2003, p. 233). A codificação da mensagem informativa apresentou diversas modificações ao longo do tempo, sendo que os próprios veículos “foram aprendendo a codificar suas mensagens e estabeleceu-se uma linguagem própria para cada veículo, de acordo com as peculiaridades da sua recepção, do público e, suas características específicas” (MEDINA, apud SILVEIRA, 2003, p. 248). Uma das características da linguagem jornalística é a coerência. Por isso, segundo Lustosa (1996, p. 81), um texto de notícia deve ter quatro elementos essenciais para ser considerado um bom texto: objetividade, concisão, precisão e clareza. Com relação à clareza, o autor afirma que o jornalista só deve falar sobre o que sabe, caso contrário acaba dizendo tolices, sendo que a simplicidade e a clareza são duas exigências fundamentais da linguagem

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná, na linha de Processos Mediáticos e Práticas Comunicacionais. Contatos pelo e-mail: lurdes@ufpr.br

jornalística e, com a simplicidade objetiva-se o alinhamento dos fatos. Já em relação à clareza procura-se conduzir o leitor a compreensão dos fatos sem tropeçar nas palavras (LUSTOSA, 1996, p. 81).

Outro pesquisador que faz referência à importância da clareza, da precisão e da objetividade, é Martins Filho (1998), ao afirmar que não é justo que o leitor, ouvinte ou telespectador, faça complicados exercícios mentais para compreender o texto. Entende que o estilo jornalístico é um meio-termo entre a linguagem literária e a falada e, com palavras conhecidas de todos, é possível escrever de maneira original e criativa e produzir frases elegantes, variadas e alinhavadas. (MARTINS FILHO, apud FRANCISCO, p. 03).

O objetivo deste artigo é avaliar o cuidado e as estratégias dos jornalistas de televisão com a linguagem para divulgar os assuntos jornalísticos, em especial com os temas de ciência e de tecnologia. Como objeto empírico avalia-se uma reportagem do programa *Como Será?* da Rede Globo, exibida dia 07/02/2015 e outra do programa *Scientia*, editado pela televisão universitária da Universidade Federal do Paraná, exibido dia 02/02/2015. Os dois programas são semanais e têm a proposta de exibir reportagens de jornalismo científico. É importante destacar que este tipo de divulgação, em geral, é realizado em programas criados para essa finalidade, principalmente na TV aberta, mesmo que os horários sejam os de baixa audiência, a exemplo do *Como Será?*, uma revista eletrônica³ segundo a emissora, que estreou em agosto de 2014 (em substituição ao Globo Ciência), com exibições entre 6h e 8h nos sábados, porém a partir de 25 de abril de 2015, passou a ser veiculado a partir das 7h em cidades do Sudeste e Nordeste e das 6:30 nos estados do Sul e outras regiões.

2. DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E JORNALISMO CIENTÍFICO

Para compreender melhor a natureza do jornalismo científico procura-se explicar o que se diferencia da divulgação científica. Para Silveira (2003, p. 241), difusão, disseminação e a divulgação científica têm significados diferentes. A disseminação científica refere-se à transferência de mensagens em linguagem especializada a receptores

³ O gênero revista, vinculado à categoria de entretenimento, pressupõe um apresentador em estúdio, que introduz os assuntos em diversos formatos, ao vivo ou gravados, como entrevista, reportagem, videoclipe, entre outros formatos, que garantem a multiplicidade de informações (SOUZA, 204, p. 175-175).

seletos e restritos. A difusão e a divulgação científicas têm um público formado por especialistas e não especialistas e, por isso a linguagem tem de ser de fácil compreensão.

Embora sejam destinados ao público leigo, jornalismo científico e divulgação científica não são a mesma coisa. De acordo com Silveira, o jornalismo científico é um caso particular de divulgação científica, porque é uma forma de divulgação endereçada a um público leigo, mas que obedece ao padrão de produção jornalística. Já a divulgação científica não é necessariamente jornalismo (SILVEIRA, 2003, p. 241). Para Regina Francisco, do Instituto de Química da USP - São Carlos, os relatos de divulgação científica, além de estar em jornais, revistas, programas de televisão, rádios e internet, devem “ser distribuídos em forma de filmes, livros, cartazes, cartilhas, folhetos, exposições e até em atividades realizadas em museus” (FRANCISCO, 2005). Seguindo este último conceito, a divulgação científica pode ser até mais ampla que o jornalismo científico e praticada não exclusivamente por jornalistas.

3. A ENCENAÇÃO DA NOTÍCIA NO *COMO SERÁ?*

Diante das explicações anteriores pode-se afirmar que transformar um texto ou informações científicas em uma linguagem coloquial, de uso comum sem perder a profundidade da informação, é o ponto de partida para quem trabalha com jornalismo científico. Bakhtin (1997), afirma que na construção do texto há dois elementos importantes, a realidade imediata do pensamento e a realidade da emoção (BAKHTIN, 1997, p.329). A afirmação de Bakhtin serve para explicar a encenação realizada no programa *Como Será?* de 07/02/2015, no momento em que a jornalista Mariana Ferrão, canta e dança em ritmo de carnaval o seguinte refrão: “está chegando a hora e a gente já está na concentração para o feriado mais prolongado do País”. A apresentadora faz referência ao carnaval que se aproxima, no entanto, a reportagem que a jornalista anuncia em seguida, é sobre uma pesquisa da Universidade Estadual do Rio de Janeiro sobre os efeitos da variação de peso para a saúde. Ferrão afirma: “atrás dos blocos só não vai quem já morreu, e olha! só não vale levar para a avenida o efeito sanfona” (*COMO SERÁ?* 2015).

Vale observar que neste momento, a jornalista se aproxima de um telão no estúdio onde aparece o desenho de uma bailarina e explica: “é o efeito que emagrece e engorda, estica e puxa”, enquanto são reproduzidos na tela os efeitos. Porém, o que está sendo apresentado em tom de brincadeira, é um estudo sério, que atribui ao fato de emagrecer e

voltar a engordar, o aparecimento de doenças como diabetes e artrite e problemas no coração. A reportagem traz o carnaval como uma oportunidade para evitar o efeito sanfona, já que sambar ajuda a queimar calorias e a emagrecer e, para referendar essa ligação, é apresentada uma jovem que se livrou do efeito sanfona a custo de muitas atividades físicas e é destaque em uma escola de samba do Rio de Janeiro (*COMO SERÁ?* 2115).

Como se não bastasse o desenho no telão, no estúdio, a representação prossegue para a reportagem, quando, através de efeitos computacionais a imagem do repórter é submetida ao efeito sanfona, conforme mostra a figura abaixo. Do lado esquerdo do jornalista está a jovem que emagreceu e não voltou a engordar. A produção de oito minutos, explica a pesquisa no laboratório de Metabolismo da UERJ, exhibe entrevista com a médica responsável pelo estudo e afirma que o aumento e redução de peso e as dietas rigorosas, trazem riscos para o coração, rins e fígado. Durante a narrativa são adotados termos populares, como vai secando (referência a estar emagrecendo), estica e puxa (engordar e emagrecer), cheinho e fofo (engordando) e cinturinha de pilão (referência à cintura fina) e ainda o efeito sanfona. Essas opções deixam claro a necessidade que o jornalista tem em realizar comparações com situações e elementos do cotidiano.



Figura 1: jornalista faz demonstração da variação de peso, enquanto a entrevistada samba. Fonte: (*Como Será?* 2015)

Além da linguagem popular utilizada no *Como Será?* é necessário destacar o aspecto performático utilizado na apresentação, bem como na condução da reportagem, quando as gravações são realizadas fora do estúdio. Ao dançar marchinha de carnaval, a

apresentadora sugere momentos de descontração, alegria, divertimento e o mesmo ocorre quando o repórter é inflado fisicamente, ainda que pela tecnologia, para acelerar aumento e redução de peso. Essa performance, de acordo com Lilie Chouliaraki (2012), chama a atenção para a dialética das estratégias de comunicação. A autora destaca que “a representação reconhece a força transformadora de atos individualizados e articula discursos universais e reconhecidos culturalmente com opções estéticas” (CHOULIARAKI, 2012, p. 06). Segundo Sodré (2001) há um movimento “transnacional de transformar o jornalismo audiovisual em seções de entretenimento” (SODRÉ, 2001, p. 149). Por outro lado, o autor acredita que “a realidade social dos indivíduos no mundo contemporâneo é construída por acontecimentos jornalisticamente interpretados e, portanto, transvalorizados” (SODRÉ, 2001, p.133).

Goffman (2002) analisa o efeito das dramatizações e a importância com a coerência do real. Afirma que, dada a fragilidade e a necessária coerência expressiva da realidade que é dramatizada por uma representação, há geralmente fatos que, caso expostos à atenção, durante a representação, poderão desacreditar, romper ou tornar inútil a impressão que ela estimula, classificando esse efeito como “informação destrutiva”. (GOFFMAN, 2002, p. 132). Diante dessa questão pergunta-se: seria um exagero a representação da dança, relacionando o carnaval com uma pesquisa científica? Será que a audiência compreendeu a seriedade da pesquisa ou desviou a atenção para a encenação e para a personagem que seria destaque em escola de samba do Rio de Janeiro? Toma-se como referência mais uma vez os ensinamentos de Goffman ao fazer uma relação com a função da representação e afirmar que “muitas vezes a encenação serve apenas para expressar as características da tarefa que é apresentada; e não as características de quem está representando”. Desta forma:

[...] verifica-se que o pessoal de serviço, numa profissão liberal, na burocracia, num negócio ou arte, anima sua conduta com movimentos que expressam proficiência e integridade, mas não importa o que esta conduta transmita à respeito de tais pessoas, frequentemente seu principal propósito é estabelecer uma definição favorável de seu serviço ou produto (GOFFMAN, 2002, p. 76).

Diante das afirmações de Goffman, é possível perceber que, assim como na ficção, os profissionais da comunicação assumem o papel de representar, transformando a informação em espetáculo ou em *show*, como o telejornalismo é referenciado por Sodré

(2011) em diversos momentos. Também ao criar simulacros do real, a TV estabelece outra realidade, a de aparências.

4. O ESTILO DO *SCIENTIA*

Na outra vertente da análise está o programa *Scientia* editado pela televisão da Universidade Federal do Paraná, emissora de canal fechado, que exibiu dia 2 de fevereiro, um documentário⁴ de 25 minutos sobre estudos realizados por pesquisadores da UFPR com uma raiz originária do Peru: o *Yacon*, produto semelhante à batata salsa, alimento que pode ser consumido cru, cozido ou em forma de farinha para o preparo de bolos. O que desperta o interesse dos pesquisadores é o potencial medicinal da raiz para controlar o nível de glicemia e melhorar a qualidade de vida de pessoas que sofrem de diabetes.

O documentário cita pesquisas de diversos países sobre a raiz e explica que os estudos da UFPR são desenvolvidos com a finalidade de obter um novo processo para a secagem da batata preservando o máximo possível das propriedades medicinais. Uma técnica que retira o líquido do *Yacon* e depois o transforma em um creme espumoso, que colocado num forno, é transformado em pó ou farinha, foi descoberta recentemente e está em análise do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI). Em grande parte da narração e mesmo em trechos apenas de imagens, foram editadas trilhas sonoras que parecem criar um efeito de continuidade ao tema, além de ser uma estratégia para manter o telespectador com atenção voltada ao assunto. A imagem abaixo mostra o *Yacon*, produto que ainda não é facilmente encontrado nos supermercados de todo País, mas que vem tendo a produção ampliada no Brasil, segundo os pesquisadores.

⁴ O documentário tem origem no cinema e tem quase sempre um caráter didático, ou informativo, que visa, principalmente restituir as aparências da realidade, mostrar as coisas e o mundo, tais como são. O documentário pode usar diversas técnicas: filme de montagem, cinema direto, reportagem, atualidades, filme didático e até filme caseiro (AUMONT;MARIE, 2003, p.86).



Figura 2: Yacon limpo para ser descascado. *Scientia* 02/02/2015. Fonte: UFPR

Na narrativa do *Scientia* aparecem termos como inulina, frutooligosacarídeos, lactonas, prebiótico, probiótico, simbióticos, ácidos fenólicos, entre outros, porém, toda vez que um termo técnico é citado, há a explicação do seu significado, seja na narração ou através de depoimentos dos pesquisadores responsáveis pelo estudo, o que deixa evidente a preocupação com a clareza do texto. Na edição analisada, não há preocupação com a temporalidade, já que as entrevistas e imagens foram gravadas durante o inverno e a veiculação ocorreu no verão. Todos os personagens, desde os agricultores que cultivam a planta, aos pesquisadores, aparecem vestidos com roupas de frio. E essa constatação fica ainda mais evidente quando em um determinado trecho do programa, jornalista Carlos Debiasi, descreve a imagem afirmando que as plantas estão queimadas pela geada. Em nenhum momento do documentário o jornalista aparece e, por isso, o telespectador só tem contato com narrativa dele.

5. A BUSCA DO REAL

Um ponto que merece ser destacado é que na televisão, a ação dos signos recebe a determinação do real e do mecanismo representacional, de acordo com Andacht (2005, p. 100). Os intérpretes se baseiam no ícone, a relação de qualidade e semelhança; no índice, relação de existência e contiguidade; e pelo símbolo, a relação geral e convencional. Os profissionais que trabalham nos dois programas usam essas relações icônicas, que segundo Andacht, são as relações do signo com o objeto dinâmico, ou seja, “modos nos quais a

cultura das mídias providencia um conhecimento mediatizado do mundo”. O autor afirma ainda, que “o que todo signo tenta fazer correta ou erradamente, é revelar algum aspecto do real e, é assim que se aproxima da verdade, mesmo que esse encontro possa acontecer a longo prazo” (ANDACHT, 2005, p. 100).

Também segundo o pesquisador, (2005, p.102) “todo índice, virtualmente captura os olhos de seu intérprete e, com força, o leva para o objeto significado”. A afirmação remete ao que pode ocorrer com o público, diante da reportagem exibida no *Como Será?* em que a representação da dança é utilizada para dar realismo à pesquisa que estudou os efeitos da variação de peso para a saúde. É o fato que luta por abrir-se caminho para sua existência.

6. A BUSCA DA LINGUAGEM COMUM

Para estudar como se dá a construção da narrativa, busca-se os conhecimentos de Bakhtin (1997). Para Bakhtin, não há textos puros, nem poderia haver, “porque qualquer texto comporta elementos que poderiam chamar de técnicos, uma referência ao aspecto técnico da grafia e da elocução” (BAKHTIN, 1997, p. 331). Desta forma, “por trás de todo texto, encontra-se o sistema da língua; no texto, corresponde-lhe tudo quanto é repetitivo e reproduzível, tudo quanto pode existir fora do texto”. Mas, segundo o autor, “cada texto é individual, único e irreproduzível e é nestes três elementos que reside o seu sentido. É com isso que ele remete à verdade, ao verídico, ao bem, à beleza, à história”. Ainda, de acordo com Bakhtin, “cada texto pressupõe um sistema compreensível para todos, convencional, dentro de uma dada coletividade - uma língua. E, se por trás do texto, não existe uma língua, já não se trata de um texto, mas de um fenômeno natural, que não pertence à esfera do signo” (BAKHTIN, 1997, p. 331).

Bakhtin exemplifica também a ausência de signos, como a combinação de gritos e gemidos, desprovida de reprodutibilidade linguística própria do signo (1997, p. 331). Na reportagem do programa *Como Será?* já citada, essa ausência ocorre quando a apresentadora dança, em referência ao carnaval e, também, quando a entrevistada apresentada como exemplo por ter reduzido peso, demonstra sambando que está bem fisicamente. Os signos presentes nos textos que intercalam essas fruições podem complementar o entendimento do contexto. Por outro lado, Bakhtin (1997) afirma que qualquer texto, tanto oral como escrito comporta grande quantidade de elementos

heterogêneos, naturais, primários, alheios ao signo e que escapam ao campo das ciências humanas.

Os tipos de textos estão relacionados com os tipos de atividades, destaca o linguista e estudioso de Bakhtin, Carlos Alberto Faraco (em entrevista à TV Paulo Freire em 2011), ao analisar a linguagem adotada na televisão, justificando que a recepção da obra de Bakhtin é diferente hoje da reflexão da década passada. Para Faraco, as atividades humanas se organizam na linguagem e as formas dessa linguagem vão se diferenciando. No caso do jornalismo de TV é preciso estar atento à natureza do público, isto é o enunciador pensando no receptor e desenvolvendo os textos levando em conta as questões socioculturais dos receptores.

Neste sentido, Bakhtin afirma que “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos” (1997, p. 282). Ainda, segundo Bakhtin, “o enunciado – oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal – é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala ou escreve” (BAKHTIN, 1997, p. 283). Neste sentido cabe refletir que o estilo de texto, além de apresentar elementos individuais de quem escreve, vinculando com as temáticas pré-estabelecidas, reflete a visão cultural, costumes e conhecimentos dominantes dos profissionais de comunicação.

7. HIBRIDISMO DA TV

Sobre a criação de programas específicos na televisão para a veiculação de assuntos científicos, como abordamos anteriormente, Lúcia Santaella (1996) concorda com a segmentação e afirma que “há vários fatores que apontam muito mais para a especialização, diversidade e multiplicidade do que para a massificação e homogeneidade como a globalização poderia prever”. Outra forma de popularização da notícia na televisão tem sido a participação do público como produtor de conteúdo. Santaella afirma que não é possível desprezar os efeitos que o barateamento dos aparatos técnicos, como filmadoras, celulares com câmeras fotográficas, videodiscos e videocassetes têm proporcionado (SANTAELLA, 1996, p. 19). A autora define esses equipamentos como “estações de gravação de pequeno porte” e essas imagens enviadas para as emissoras de televisão e colocadas no ar tiraram a hegemonia das televisões e, de certa forma reduziram os custos de produção das emissoras (SANTAELLA, 1996, p.19). Quanto aos estudos na área de televisão, a pesquisadora entende que se enfatizam apenas o conteúdo e esquecem de “peculiaridades e riquezas que

as interações entre as linguagens podem criar e dos efeitos diferenciados que as peculiaridades estão aptas a produzir”. Assim há uma negligência sobre o modo como essas mensagens se articulam. Para a autora isso é “tão importante para a recepção quanto o que as mensagens dizem” (SANTAELLA, 1996, p. 47).

Também no entender de Santaella, não é levada em conta a riqueza de sentidos perceptivos que podem interagir no ato de recepção dessas mensagens e a diversidade dos efeitos psicofísicos e cognitivos que as mensagens podem produzir (SANTAELLA, 1996, p. 47). Por outro lado, “por mais que a mensagem transmitida pela TV seja banal ou superficial e esquemática, sua complexidade semiótica sempre é grande. Tudo se dá ao mesmo tempo: som, verbo, imagens, que podem adquirir feições as mais diversas e multifacetadas, além do ritmo dos cortes, junções, aproximações e distanciamentos, que provavelmente se constituem num dos aspectos mais característicos dessa mídia” (SANTAELLA, 1996, p. 47).

A análise dos sentidos perceptivos é importante na concepção de Santaella, porque considera que a TV é a mais híbrida de todas as mídias, porque absorve e deglute todas as outras. Esse hibridismo é justificado “pela mistura de códigos e processos sígnicos com estatutos semióticos diferentes, ou seja, linguagens que nascem na conjugação simultânea de diversas linguagens” (SANTAELLA, 1996, p. 43). Para a autora, a TV absorve e devora todas as outras mídias e formas de cultura, desde as mais artesanais, prosaicas, folclóricas até as eruditas: do cinema, jornal, circo, teatro, etc (SANTAELLA, 1996, p. 42).

8. IMPRESSÕES VISUAIS

Os dois programas têm vinhetas emblemáticas, com o propósito de remeter o público à ideia de novas descobertas. Tendo o cubo mágico, conhecido como quebra-cabeça tridimensional⁵ a vinheta do *Como Será?* tem a proposta de passar a imagem de novos desafios. A jornalista Sandra Annenberg afirma no vídeo de apresentação do programa, em agosto de 2014 que: “a gente brinca e se diverte com ele e ele nos desafia. Assim como na vida, o cubo mágico tem lados diferentes” (*COMO SERÁ?* 2014). O diretor

⁵ O cubo mágico também é conhecido como cubo de Rubik em referência ao húngaro Ernő Rubik, que fabricou o primeiro protótipo do cubo com seis partes em 1974. É um dos jogos mais famosos e intrigantes pela complexidade em juntar as cores. Depois de muitas controvérsias sobre o número de movimentos necessários, cientistas britânicos teriam definido 20 movimentos para resolver a equação. Fonte: Revista Ciência Hoje.

do programa, Maurício Yared, também faz menção ao símbolo, dizendo que o cubo “por si só já é uma ferramenta de ensino, que desafia você a superar obstáculos e, por isso, foi escolhido como o signo principal do programa” (*COMO SERÁ?* 2014). A vinheta, com oito segundos consta de movimentos giratórios de cinco lados do cubo, sendo que no sexto lado, a imagem aparece frisada, com o nome do programa em três cores diferentes: amarelo, laranja, verde e, um ponto de interrogação, relacionando com os questionamentos sugeridos no programa.

Bem mais modesta, a vinheta do *Scientia* é uma apropriação do trabalho de Leonardo da Vinci, que, em 1490, na fase de estudos da anatomia humana, desenhou o que ficou conhecido como homem vitruviano⁶. Trata de uma figura masculina desnuda em duas posições sobrepostas com braços inscritos num círculo e num quadrado. O desenho de Da Vinci sugere movimento nas pernas e braços e é o que ocorre na vinheta de 13 segundos do programa da Universidade Federal do Paraná. Ao contrário do símbolo do *Como Será?* que remete à imagem de desafio, persistência, e concentração, o símbolo do *Scientia* parece sugerir a ideia da ciência e de pesquisa. As duas figuras abaixo mostram as imagens das vinhetas do *Como Será?* e do *Scientia*.



Figura 3: logo do *Como Será?* Fonte: Rede Globo



Figura 4: logo do *Scientia*. Fonte UFPR/TV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois programas apesar de serem de estilos diferentes, o *Como Será?* no gênero revista eletrônica, apoiado pela tecnologia; e o *Scientia* no gênero documentário, produzido

⁶ O desenho de Leonardo da Vinci foi relacionado com a matemática pelo arquiteto Marco Vitruvius Polião, autor da obra intitulada “Os dez livros da Arquitetura”.

e editado de maneira tradicional, isto é, mantendo uma sequência linear de narrativa, intercalada com entrevistas, desenvolvem estratégias textuais semelhantes quando se trata de exprimir coerência e clareza. Há, porém, diferenças significativas na questão estética e também no estilo de apresentação.

Enquanto o *Scientia* divulga apenas uma pesquisa em 25 minutos de programa, o *Como Será?* disponibiliza oito minutos para a reportagem que trata da pesquisa sobre variação de peso. Outro aspecto, é a adoção de técnicas de encenação teatral na condução do assunto, tentando gerar uma espécie de familiaridade, semelhante ao que afirma Fernando Andacht, quando se refere a efeitos dessa natureza como sendo uma “intimidade à distância” (ANDACHT, 2005, p. 103). Enquanto a apresentadora do *Como Será?* se expõe ao máximo, fazendo do cenário um palco, no *Scientia* o narrador sequer aparece e não há cenário, apenas a vinheta que remete o receptor ao programa e ao assunto.

Outra diferença está no uso dos termos considerados técnicos e científicos que são adotados no *Scientia*, seguidos das explicações sobre os significados para que sejam compreendidos pela audiência, porém no programa *Como Será?* essa prática não ocorre e palavras científicas são substituídas por termos do cotidiano. Desta forma, conclui-se que o programa que mais se aproxima do jornalismo científico é o *Scientia* e essa constatação pode ser atribuída ao fato que a emissora pública não tem preocupação com os índices de audiência e, assim, tem mais liberdade para explicar suas pesquisas, bem como o tempo disponibilizado para a exibição.

Já o *Como Será?* de emissora comercial depende dos índices de audiência e conta ainda com outro desafio que é conquistar público aos sábados logo cedo. Assim, acredita-se que as estratégias de adotar a dança, a fala em ritmo frenético, melodias, movimentos no cenário e reportagens que tentam ligar assuntos nem sempre convergentes, têm a função de atrair a audiência pelo espetáculo que proporciona, transformando em real, o que a princípio não é real.

REFERÊNCIAS

ALMONT Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário Teórico e Crítico de Cinema**. Editora Papirus, Campinas (SP), 2003.

ANDACHT, Fernando. **Duas variantes da representação do real na cultura midiática: o exorbitante Big Brother Brasil e o circunspeto Edifício Master**. Rev Contemporânea, 2005.

Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3449/2515>. Acesso em 11/02/2015

ANNEMBERG, Sandra. *Como Será?* Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/como-sera/videos/t/extras/v/conheca-o-cenario-do-programa-como-sera/3530548/> Acesso em 17/02/2015

BAHKTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1997. Edição Original: Moscou, 1979.

BARTHES, Roland. *O efeito real*. 1968. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_1968_num_11_1_115. Acesso em 10/02/2015

CHOULIARAKI, Lilie. *A Teatralidade do Humanitarismo*: crítica da advocacia celebrity. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/14791420.2011.637055> Acesso em 08/02/2015.

COUTINHO, Rogério. *Como Será?* Disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/como-sera/t/integra/v/como-sera-edicao-de-07022015/3947829/> Acesso em 07/02/2015

DEBIASI, Carlos. *Scientia*. Disponível em: <https://ufprtv.wordpress.com/2015/02/03/scientia-yacon/> Acesso em 15/02/2015

FARACO, Carlos Alberto. *Bakhtin e sua filosofia da linguagem*. TV Paulo Freire. 2011. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=IJMByQS0oQc Acesso em 07/02/2015.

FERRÃO, Mariana. *Como Será?* Disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/como-sera/t/integra/v/como-sera-edicao-de-07022015/3947829/> Acesso em 07/02/2015

FRANCISCO, Káritas Cristina. Artigo: **30 Anos depois**: o uso do economês nos cadernos e economia dos jornais impressos. Disponível em: <file:///D:/Downloads/64878-85881-1-SM.pdf>. Acesso em 27/01/2015

FRANCISCO, Regina Helena Porto. *A Divulgação Científica*. Revista Eletrônica de Ciências. USP-São Carlos, n° 29, 2005. Disponível em: http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencia/artigos/art_29/dc.html Acesso em 10/07/2015.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Editora Vozes, 2002. Tradução de Maria Célia Santos Raposo (1985). A edição original foi publicada em 1959, em Inglês.

YARED, Maurício. *Bastidores da primeira gravação do Como Será?* Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/como-sera/videos/t/extras/v/bastidores-da-primeira-gravacao-do-como-sera/3519842/> Acesso em 14/02/2015.

LUSTOSA, Elcias. *O texto da Notícia*. Brasília, Editora da UNB, 1996

SANTAELLA, Lúcia. *A Cultura das Mídias*. São Paulo, Experimento, 1996.

SCIENTIA. *Programa de Divulgação Científica da Universidade Federal do Paraná*. Disponível em www.tv.ufpr.br/ Acesso em 03/02/2015.

SILVA, Sandra Barbosa da. **Como Será?** 07/02/2015. Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/como-sera/t/integra/v/como-sera-edicao-de-07022015/3947829/> visualizado em 08/02/2015.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. **Divulgação Científica e Tecnologias de Informação e Comunicação**. Santa Maria (RS), FACOS, 2003.

SODRÉ, Muniz. **Reiventando @ Cultura**. Editora Vozes, Petrópolis, 2001.

SOUZA, José Carlos Aranchi de. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. Summus, São Paulo, 2004.

RUBIK Ernő. **Cubo de Rubik tem solução universal**. Revista Ciência Hoje. Disponível em: <http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=44532&op=all> Acesso em 21/06/2015.

VINCI, Leonardo da. **Homem Vitruviano**. Site Além da Imagem. Disponível em: <http://www.alemdaimagem.com.br/index.php/com-a-palavra/16-o-homem-vitruviano>. Acesso em 03/06/2015.

_____. **O desbravador do corpo humano**. Campinas, 2013. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/ju/568/leonardo-da-vinci-o-desbravador-do-corpo-humano>. Acesso em 14/02/2015